

EXPERIMENTAÇÕES COMO COMPBATES DA DICOTOMIA GEOGRÁFICA ESCOLAR

Carina Merheb de Azevedo Souza
Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação
camerheb@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da finalização de pesquisa do meu doutorado e tem como objetivo principal a exibição dos resultados parciais, sendo eles as produções que os alunos fizeram diante das experimentações propostas.

A preocupação inicial dessa pesquisa foi o combate dentro de práticas educativas acerca das dicotomias imagéticas presentes nos livros didáticos de Geografia.

O tema escolhido foi o rural e o urbano, pois os mesmos insistem em surgir como dois espaços independentes e divididos dentro das cidades. Buscou-se experimentar outras formas de se pensar o espaço, além da imagem figurativa construída, a partir de imagens que se deslocam dos sentidos habituais dicotômicos.

Trata-se de uma reflexão sobre as novas linguagens e imagens realizadas pelos alunos, a partir de propostas de experimentações que têm como objetivo ultrapassar as fronteiras do currículo habitual, descobrindo potências menores na educação¹.

O incômodo dessas divisões é que elas geram elementos formadores fixos para os estudantes sob a lógica espacial. Quando esses conceitos tomam formas físicas como as imagens e fotografias dos materiais didáticos, elas funcionam quase exclusivamente como provas ou exemplos do que se afirma no texto escrito que antecede, sucede ou legenda.

Tomo como exemplo a classificação das áreas rurais categorizadas nas imagens dos livros de Geografia para ilustrar como essa dicotomia é comumente abordada – o mundo rural é apresentado com ilustrações que remetem ao gado bovino, áreas verdes, tratores, vazios demográficos e áreas agrícolas – as áreas urbanas, por sua vez, representadas com prédios altos, ruas asfaltadas, concentração populacional e violência urbana.

Ou seja, as imagens que são utilizadas para o conceito nessa divisão são frágeis, na medida em que elas não conseguem dar conta das múltiplas dimensões do espaço contemporâneo, pois os textos e imagens voltados à escola focam em informações e conceitos que buscam dizer como o espaço é; e não em situações que poderiam apontar para onde o espaço entra em devir.

Ao deslocar essas imagens dos sentidos habituais dicotômicos para outras formas que vão além desse vínculo espacial, apostamos que elas assumem potências expressivas que levem esse modo de se pensar o espaço para uma nova relação. A

¹ “A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da LDB, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se acontecer. A educação maior é aquela dos grandes projetos e mapas. Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca d

o rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos as nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância.” (GALLO, p. 173, 2002)

classificação imagética dos aspectos rurais e urbanos presentes nos livros didáticos nos informa um percurso de representação concebido como espacialização – associação entre o espaço e a fixação do significado (MASSEY, 2009, p. 43). Ou seja, as características atribuídas ao espaço são procedidas das configurações que as imagens nos trazem e se apresentam.

A ATUAÇÃO DAS IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Nesta pesquisa, a preocupação em lidar com as imagens constituem a produção de algo, a partir da sua atribuição de significados e como elas podem influenciar estudantes e professores na interpretação do mundo – fazer os estudantes a pensar o mundo real, desenvolver a capacidade de observação e levantar perguntas, mesmo que estas não tenham respostas.

A abundância de imagens que estão presentes aos olhos das pessoas é uma das preocupações desta pesquisa e busca compreender como elas podem influenciar ou não o modo de se observar o mundo, que faz parte de uma educação visual:

Nestas circunstâncias, o observador é deixado à sua capacidade intuitiva para captar as imagens e “repetição silenciosa”: as imagens que estão nas paredes e quadros-negros estão para serem olhadas e aprender mais do que perguntar e analisar. Sem uma instrução clara e atraente para repetir a instrução das figuras que se tornam reconhecíveis pela sua frequência de ocorrência, o destinatário tem poucas ferramentas para desenvolver qualquer análise crítica² (HOLLMAN & LOIS, 2015, p. 169)

Desta forma, podemos intuir que a “repetição silenciosa” das imagens que exaustivamente fazem parte da educação visual nas escolas pouco contribui para aumentar a visibilidade e compreensão do mundo em que vivem, pois elas se limitam a produções imagéticas que se repetem nos livros didáticos e não dizem mais nada além daquilo – tanto no que diz respeito à própria imagem, mas também no que diz respeito ao que está em torno dela – os textos e legendas.

Foi adotada a prática metodológica utilizada pelas pesquisadoras Hollmann & Lois (2015) sobre a abordagem e os modos de observar as imagens a partir de uma perspectiva da escola – como contexto de exposição e observação das imagens, que molda regras em torno do olhar, sendo eles: *o olhar turístico, o olhar científico e o olhar jornalístico*.

Sob esses olhares haverá uma relação entre a dicotomia do rural e urbana dos livros didáticos analisados nessa pesquisa buscando compreender como as imagens acerca do tema contribuiram para a construção do assunto na geografia escolar e fora dela.

A classificação para o olhar *turístico*, segundo as autoras, apresenta grande eficácia para promover uma apreciação estética da paisagem – implica uma cuidadosa seleção do que entra e do que se recorta dentro dela.

² Bajo estas circunstancias, el observador queda librado a su capacidad intuitiva para aprehender las imágenes y a la “repetición silenciosa”: las imágenes que están en las paredes y pizarrones escolares están para ser miradas y aprender más que preguntar y analizar. Sin una instrucción clara respecto de la lectura de imágenes y apelando a la repetición de figuras de aparición, el destinatario tiene pocas herramientas para desarrollar cualquier análisis crítico.

Os livros didáticos de geografia que utilizam a estratégia de imagens com vistas panorâmicas acabam tendo a mesma função de um álbum de viagens, pois oferecem a mirada de um lugar que foi cuidadosamente escolhido para ser apreciado como belo: apresentam uma visão do conjunto e oferecem a perspectiva a partir das linhas que se destacam, atribuindo à identidade do local o que há de mais atrativo.

Como não são apresentados os detalhes do local, o que se observa é o campo visual, que inclusive dita uma atitude corporal do leitor que é a de observação da paisagem – como um turista a utiliza – a prova de que esteve naquele local e é digno de ser apreciado.

O recurso de usar a viagem turística como narrativa de ensino e aprendizagem é funcional, principalmente quando esse relato parte dos docentes e discentes, pois as experiências pessoais são trocas válidas dentro de práticas pedagógicas. No entanto, os relatos de turistas são de situações momentâneas, ou até mesmo clichês do ponto de vista do que se pode conhecer em passeios e que deixam invisíveis as verdadeiras características do recinto.

Tomo como exemplo as imagens utilizadas nesta pesquisa colhidas do livro didático utilizado e que foram consideradas turísticas pela forma como elas foram apresentadas: linhas horizontais, vista área e a exigência do leitor de um olhar contíguo, distante e com detalhes que ficam de fora do campo do visível:



Figura I. Olhar turístico. Fonte: Geografia espaço e vivência: organização do espaço brasileiro, 7º ano.

Essa imagem faz parte da abertura da Unidade III do livro do sétimo ano, cujo título é: “O rural e o urbano no Brasil”. Trata-se de uma foto do ano de 2011, da cidade de Londrina – PR em uma área residencial de condomínios fechados. A legenda traz a seguinte informação: “Em diferentes áreas do Brasil, um número cada vez maior de pessoas tem optado por morar em bairros distintos do centro das grandes cidades”.

Essa imagem é enriquecedora do ponto de vista da percepção dos atuais fenômenos urbanos que invadiram as cidades de grande e médio porte brasileiras: os condomínios fechados. Ela revela a indistinção do rural e urbano a partir de uma vista aérea onde os dois espaços se misturam trazendo a peculiaridade do que em tempos mais distantes era simples de separar, e atualmente não é mais: as áreas verdes que eram características atribuídas ao rural e as áreas aglomeradas ao urbano não são mais suficientes para esse tipo de classificação.

A classificação para o olhar *científico*, por sua vez, são aquelas onde os textos e legendas orientam a observar de forma neutra e objetiva, distanciando-se da questão estética e que passam a ter lugar secundário na descrição.

Outro recurso utilizado neste tipo de fotografia são fragmentos de capturas fotográficas (zoom) que oferecem detalhes que uma vista panorâmica não conseguiria oferecer.



Figura II. Olhar científico. Fonte: Geografia espaço e vivência: organização do espaço brasileiro, 7º ano.

Nesta imagem, por exemplo, pode-se observar como o recurso do zoom foi vastamente explorado. Ainda no mesmo capítulo sobre o espaço urbano brasileiro, o subitem “O espaço das moradias” utiliza as imagens de satélite do município do Rio de Janeiro – RJ para relevar as desigualdades socioespaciais entre as moradias de diferentes bairros da cidade: Morro do Alemão e Barra da Tijuca. Na mesma imagem, um mapa municipal mostra os detalhes fazendo um zoom para localizar em escalas e distâncias onde esses bairros estão configurados.

A legitimidade de uma imagem de satélite é clara e notória, indicando a neutralidade que as autoras propõem na classificação das imagens de olhar científico.

Nesse caso, a urbanização foi tratada como algo bastante desigual em relação às construções das moradias, baseado principalmente no tamanho das casas. É possível identificar pela própria imagem que, apesar dos tamanhos das moradias serem diferentes, ambas as regiões são populosas e aglomeradas. Talvez esse seja o risco de se utilizar imagens que cientificamente são muito eficientes, porém reducionistas:

É inegável o grande avanço propiciado pelas tecnologias da informação, aí incluída a imagem inclusive e, principalmente, para a Geografia. O problema consiste no risco de redução da disciplina aos seus meios, sob a velha alegação de que a precisão do instrumento confere legitimidade científica ao conhecimento produzido. (CASTILLO, 2005, p.63)

Dessa forma, compreendemos que os avanços tecnológicos relacionados às possibilidades de diferentes tipos de imagens e as suas representações são importantes, pois diversificam e quantificam maiores informações a respeito do espaço geográfico. No entanto, como Castillo indica – os avanços se limitam a “matematizar” a paisagem, apenas.

O olhar *jornalístico* parte de uma vantagem didática que a geografia possui como disciplina escolar: os assuntos que frequentemente estão na mídia (política, turismo, catástrofes ambientais, clima, entre outros temas) também estão nos livros didáticos, e essa situação facilita inclusive para os editores e autores, pois há um vasto e rico banco de dados imagéticos.

Para Hollman & Lois (2015), os livros didáticos de geografia têm uma série de elementos em comum com o jornalismo, desde a finalidade de captar a atenção do leitor e alcançar seu interesse para mantê-lo informado, até o esforço de desenvolver uma linguagem clara, concisa, ágil e simples. Sendo assim, a linguagem visual se aproxima cada vez mais do formato jornalístico, com regras próximas que se impõem aos meios de comunicação: “Este modo de olhar habilita as emoções: é principalmente um olhar chocado. A partir do visual, as fotografias jornalísticas buscam capturar os eventos no momento justo, como dizia o fotógrafo Bresson, no momento decisivo.” (HOLLMAN & LOIS, 2015, p. 182)

A estratégia em usar imagens jornalísticas nos livros didáticos como recurso funciona como verossimilhança dos fatos por duas razões: os livros na cultura escolar são considerados suportes de conhecimento legítimos, assim como a imprensa. Usar as mesmas imagens da mídia no livro didático causa aproximação visual do que já foi visto em revistas, jornais e televisão e passou pela aprovação da autoria e editoria de quem escreveu aquele livro. Se exibido e trabalhado pelos docentes, o impacto da veracidade se torna ainda maior.

A imagem de trabalhadores selecionando lixo urbano na cidade de São Paulo – SP em 2010 faz parte do mesmo capítulo das imagens anteriores, cujo subtítulo é “Como tornar a cidade um melhor lugar para viver”. O texto procura mostrar alternativas de solução de problemas que atingem o espaço urbano.

A fotografia utilizada não traz a sua fonte, porém usa o recurso da legenda com a explicação de onde veio – um jornal da cidade veiculado no meio digital. Dessa forma, a ideia de confiança da imagem com o fato torna-se ainda maior, uma vez que o texto confirma verbalmente aquilo que a fotografia propõe:



Figura III. Olhar jornalístico. Fonte: Geografia espaço e vivência: organização do espaço brasileiro, 7º ano.

Sob esses três olhares identificados até agora, podemos notar que a dicotomia rural e urbana está apontada nas imagens, e nos textos também. São três as situações que envolvem essa identificação:

A primeira é a própria divisão dos capítulos, que trata o assunto rural/urbano em itens e subitens separados, a segunda é a imagem de abertura do capítulo que ao abordar o assunto, e a terceira está na construção dessas imagens pautadas sobretudo na ideia de desenvolvimento urbano associado à industrialização

OS COMBATES

Qualquer tentativa de combate à rigidez disciplinar dos currículos, das imagens paralisadas dos livros didáticos e dos modelos pedagógicos que estão dentro das escolas causa estranhamento. Essas experimentações foram um desafio para mim nas duas instâncias: como pesquisadora e como professora.

Na situação de pesquisadora, o combate partiu do âmbito de experimentar algo na pesquisa que até então não tinha realizado nas minhas experiências acadêmicas: disparar o sentido de busca pelo total desconhecido, e talvez esse seja realmente o motivo de uma pesquisa – buscar o que não se sabe.

Como professora, o desafio foi ainda maior por ter que me desapegar de conceitos que até então estavam enraizados nas minhas práticas pedagógicas. A dicotomia rural e urbana ainda não havia se deslocado de mim em quase nenhum momento, e por isso, a dificuldade da experimentação.

As justificativas para o uso de imagens artísticas e não habituais que substituem as imagens dos livros didáticos como experimentações dentro da sala de aula são duas:

1. Como experimentação: a potência de experimentar é a possibilidade de dar outros significados, proliferar pensamentos, reinventar novas classificações que antes não estavam postas – no caso dessa pesquisa, é o rompimento com o rural e o urbano a partir de outro caminho, desmontando a cultura e apontando como isso não se sustenta porque sozinho não dá conta, não se efetiva. A

potência da desconstrução da dicotomia como experimentação é justamente a de apontar a dificuldade de se desmontar algo tão estático.

2. Como imagens artísticas: apresentam situações que não estão veiculadas exclusivamente à leitura de signos. Elas tensionam os significados, incluindo signos que antes não estavam dados. Não se trata de superar a dicotomia, e sim lidar com ela, colocando o pensamento espacial em devir, pois a ambivalência rural e urbana não consegue mais se manter como classificação. A fuga da figuração habitual promove desfigurações que possibilitam os pensamentos de criar novas figuras para esta relação, com a re-existência de outras.

Portanto, usar fotografias não habituais para se falar desses espaços para que possam ter outros tipos de potências, segue a expectativa de que:

É necessária uma reimaginação das coisas como processo (e sem dúvida, agora, amplamente aceita) para reconceituação dos lugares, de um modo que possa desafiar localismos exclusivistas, baseados em reivindicações de uma autenticidade eterna. Em vez de coisas como entidades discretas preestabelecidas, há agora, um movimento em direção ao reconhecimento do contínuo devir, que está na natureza do seu ser. O novo, então, bem como a criatividade, é uma característica essencial da temporalidade (MASSEY, 2009, p.45)

Relacionando o tema da pesquisa e a sugestão de pensamento espacial da autora, nota-se que tanto o rural como o urbano sofreram vários tipos de transformações (econômicas, sociais, políticas e arquitetônicas). Como então reimaginar o espaço? O diálogo com pesquisadores e grupos de pesquisa do Projeto-Rede “Imagens, Geografias e Educação”, vem ampliando a possibilidade de buscar outras potencialidades das imagens na composição de percursos educativos que não as habituais, como outras estéticas, sentidos e sem-sentido nas/das imagens, para além da ilustração/ comunicação/informação. (NUNES, OLIVEIRA Jr. & VALLADARES, 2013)

Sendo assim, a re-imaginação do espaço e a re-invenção dos mesmos se deu a partir do auxílio e discussão com esse grupo de pesquisa que se norteia através de três combates, a saber: nas imagens, no espaço e na educação.

AS EXPERIMENTAÇÕES

Aqui será apresentada uma pequena parte das obras produzidas pelos alunos a partir das experimentações³. Em um primeiro momento fazei uma descrição de como ela se desenvolveu e a partir disso, uma breve análise usando recortes metodológicos de Oliveira Jr. (2012).

Os alunos tiveram contato com as imagens que desestabilizaram o tema rural-urbano a partir de outras imagens, sendo essas por sua vez, obras de artistas e fotógrafos que

³ A experimentação dessa pesquisa caminha no sentido de ir além das imagens dos livros didáticos e me coloca a pensar sobre o meu lugar de professora e pesquisadora no ambiente escolar e também fora dele. Experimentar também foi conhecer, testar, sentir, degustar e, sobretudo, encontrar outros possíveis modos de habitar o espaço: tomando a linguagem e a arte como intercessoras.

difícilmente se encontraria em qualquer livro didático – e por essa razão, – podemos chamar esse momento de desestabilização, pois foi o encontro com o inusitado.

As dificuldades encontradas para a realização deste procedimento foram muitas, entre elas: a desconstrução da relação binária dos propósitos que a Geografia sempre insistiu em estabelecer nos livros didáticos e que mesmo a mim, estavam paralisados. Estimular o pensamento dos alunos e alunas para outras miradas a partir de outros exemplos dos modos de vida rural e urbano que não estão presentes nos costumes visuais que estamos habituados a conceber, provocam o caos:

Para pensar com radicalidade crescente a experiência do aprendizado, um tal educador ou professor deveria consultar assiduamente pelo menos duas porções do caos: aquela porção com a qual ele não para de se emaranhar, simplesmente por estar vivo e por ser portador de um cérebro [...]; e aquela grande porção do caos que ele encontra a cada passo, justamente por envolver-se com o aprendizado dos outros, seja daqueles que outrora eram denominados discípulos, educandos, alunos, etc., seja daqueles que já se livraram de certos bancos escolares. (ORLANDI, 2001,p.145)

A partir dessas duas porções do caos é que os combates à dicotomia foram realizados. A primeira porção do caos tem a ver com a minha própria condição profissional, e problemas em relação ao tema vinculados à minha formação acadêmica e minha inserção profissional docente, uma vez que ambas reafirmaram ao longo dos anos a distinção dicotômica entre rural e urbano, entre campo e cidade.

O segundo caos – que se encontra a cada passo, como Orlandi propõe foram os primeiros traços que rasurados na proposta da experimentação, que era a de corromper as imagens e classificá-las espacialmente segundo seus desejos.

As experimentações tiveram os seguintes momentos:

Em um primeiro instante fazer os alunos escolherem palavras que classificassem o que era rural e urbano a partir das suas concepções prévias. Com a lousa da sala dividida, foi solicitado que os alunos escrevessem livremente o que eles considerassem urbano de um lado; e rural do outro.

As palavras surgiram do que sempre percorreu essa dicotomia – tanto no imaginário, bem como o que os alunos aprenderam anteriormente na escola. Nesse momento, como pesquisadora senti uma das primeiras falhas: se a minha intenção era desestabilizar essa conjugação, por qual razão ainda não havia me desvencilhado dessa ideia? Se um dos meus combates era esse, com que finalidade iniciei minha aula falando justamente dele ao dividir a lousa em rural e urbano? Foram nessas perturbações que percebi que o desafio começava inicialmente por mim. O que eu poderia esperar dos alunos se eu mesma ainda estava asfisiada por essa dicotomia? Esses questionamentos dificultaram o processo de desestabilização, porém foram essenciais como objeto de pesquisa.

Em um segundo momento, os alunos tiveram contato com as imagens que desestabilizariam o tema, cuja proposta foi a de que eles rasurassem os desenhos e os nomeasse.

A pesquisa e seleção dessas imagens que compuseram a experimentação escolar contou com a colaboração dos pesquisadores do Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO, da Faculdade de Educação/ Unicamp.

O terceiro momento foi a partir de uma entrevista, elaborada com perguntas dissertativas cujo objetivo era fazer com que os alunos redigissem através das palavras alguns questionamentos sobre a atividade proposta.

O modelo do questionário foi elaborado de modo a obter mais pistas sobre como a experimentação reverberou nos seus propósitos.

As respostas dos alunos e alunas foram importantes para identificar como a atividade anterior os fez refletir sobre o espaço em que vivem e como as obras utilizadas na experimentação influenciaram o modo de se pensar o espaço para além do livro didático.

A análise final deste trabalho conta com algumas classificações, a saber:

- a) Continentes
- b) Arquipélagos
- c) Oceanos

Essa divisão ocorre a partir da leitura de um dos textos de Oliveira Jr (2012): “Mapas em Deriva: imaginação e cartografia escolar”. Nesse texto, o autor utiliza a linguagem cartográfica escolar, fazendo com que ela se desloque a partir de outras obras, utilizando conceitos como *continente* e *arquipélago*. Para ele, as obras de arte possuem percursos mais abertos e são possibilidades de ampliação das margens da cartografia escolar. Ele provoca uma distinção entre educativo e escolar, o que se aproxima dos propósitos desta pesquisa:

Esta distinção é apenas uma maneira de deslocar o caráter educativo da cartografia escolar da forma habitual da escolarização – que é vinculada a processos mais ou menos controlados (pelos currículos e professores) de levar crianças e jovens a acumularem os mesmos saberes e conhecimentos – para uma concepção de educação em que estes controles são parcial ou totalmente substituídos por percursos em aberto, [...] criando uma zona contaminada de pensamentos variados, onde as obras expostas são atravessadas por esta multiplicidade de pensamentos e sensações que para elas converge das singularidades dos estudantes e estes últimos são atravessados pelos inusitados outros modos de existir da cartografia. (OLIVEIRA Jr. 2012, p.05)

No caso desta pesquisa, o assunto não é a cartografia escolar, e sim a dicotomia rural e urbana e que se aplica do mesmo modo. Sendo assim, iremos considerar escolar aquilo que se aplica aos percursos que levam os estudantes a se informarem acerca do espaço, ou seja, as imagens que lidam com o que é rural e urbano de forma fragmentada. O educativo, nesse caso são as obras utilizadas e que escapam do controle escolar e curricular – as imagens que fazem conexões a partir de outros percursos e que fazem proliferar pensamentos sejam eles de dúvidas, vinculação ou fuga que provocam deslizamentos e rasuras.

Serão aproveitados os conceitos de continente e arquipélago já utilizados nas pesquisas de Oliveira Jr. (2012), porém fazendo referência ao objeto de pesquisa que aqui foi utilizado.

Continente, portanto é a definição daquilo que está no lugar do que foi chamado escolar, ou seja, as imagens que são utilizadas nos livros didáticos e os seus conceitos de dicotomia. É aquilo que agrupado, como um elemento unificador com percursos já

cristalizados e definidos através de instrumentos escolares que já se consolidaram nesse assunto. Poderíamos afirmar também, que a vulgata (conceito explicado em capítulos anteriores) seria o continente.

Arquipélago, por sua vez seria aquilo que foge do padrão, que está distante do *continente*. Ou seja, é o que desvia e perde a referência inicial e que inventa outros modos de se pensar sobre aquilo que já está dado. No caso desta pesquisa, os arquipélagos seriam as obras produzidas pelos alunos e alunas e que desviaram do percurso estabelecido pela dicotomia rural/urbana.

É importante lembrar que:

“Continente e arquipélagos são dimensões inseparáveis, o estabelecido e o desviante. Os desvios, a viagem sem rotas prévias e referenciadas, se constituem como experimentação ativa das conexões múltiplas e errantes, perigosas talvez que as derivas promovem” (OLIVEIRA Jr, 2012, p.07)

Dessa forma, os *arquipélagos* só existem porque os *continentes* o permitiram. Seja pelo desvio e rota, ou seja, pela condição de re-existir de outra maneira.

Incluí o conceito *oceanos* para as obras dos artistas que foram utilizadas para desviar os percursos das rotas dos continentes. O uso dessa classificação tem a ver com a definição de oceano para o que está sendo posto. Classifico as obras de arte como oceanos, por elas ocuparem a mesma posição na natureza: é o estado intermediário entre continentes e arquipélagos. Em uma metáfora reconhecida onde as águas rodeiam ambas as partes, sem estar presente no interior de nenhuma delas.

Dessa forma, nesse primeiro momento serão apresentados os *continentes* deste trabalho. A classificação para esses elementos são as obras produzidas pelos alunos e suas respectivas respostas a partir do questionário e que nos trazem a ideia do escolar colada à sua invenção.

Foram considerados continentes os seguintes trabalhos:

1) Rural/urbano

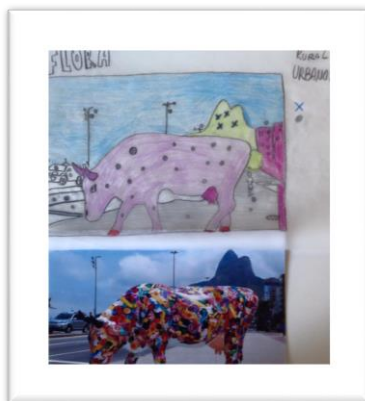


Figura IV. Rural/ urbano

Essa é uma das fotos do “cow parade”, uma exposição de arte pública internacional apresentada nas principais cidades do mundo. Decorada por artistas locais e distribuídas pelas cidades, elas são posteriormente leiloadas e o dinheiro é entregue a instituições de caridade (informações do site). Essa imagem foi escolhida por representar um dos elementos significativos de rural e que artificialmente invadiu uma cidade, fazendo com que os elementos entrassem em ruptura e desvio.

A aluna que escolheu essa obra propôs em seu desenho legendas que classificaram e dividiram o que era rural e o que era urbano, ou seja, a dicotomia ainda ficou presente. Os elementos marcados com “X” eram os da natureza: a montanha e árvore que estava no canto da rua. A vaca em escultura foi marcada como urbana e os demais elementos também, inclusive os seres humanos que estavam passando por lá. No questionário, a aluna classificou com sendo urbano: a vaca, o carro, postes e prédios. A justificativa é *porque as fabricas que produzem e as cidades que fazem isso*. O rural, montanha e matos *porque faz parte do rural*. A classificação do lugar onde ela vive é urbano, que tem tendências rurais.

A imagem a seguir foi uma das escolhidas e que se enquadrariam na classificação de *arquipélago*:



Figura V. Doideira

Nessa produção, podemos notar que o aluno desviou dos percursos imagéticos do livro didático para uma outra possibilidade de se pensar o espaço. A obra que foi apresentada a ele é de Gerard Richter, um artista alemão que fez uma série de imagens com o nome de “Landscapes”, onde através das tintas, ele rasura fotografias. Na produção do aluno, ele identificou apenas as áreas urbanas das fotos e colocou a área rural como a tinta, pois ela deriva da pedra, segundo ele. No questionário as coisas que ele identifica as diferenças entre o as imagens que recebeu e as do livro didático como: “*a forma como mostram o urbano é sempre pobre e retratado com lixo e o rural é*

sempre uma coisa linda”. Por essas razões, esse aluno conseguiu sair do continente (o escolar) e ir além do pensamento curricular ao arquipélago (o educativo).

No ambiente escolar, a experimentação buscou outras formas de se pensar esta relação espacial além da representação habitual construída, onde o rural e o urbano insistem em surgir como dois espaços inter-dependentes, mas divididos entre si. Uma vez que essa distinção que dicotomiza se faz fortemente amparada na figuração visual dada ao campo e à cidade como duas formas espaciais paisagisticamente antagônicas, aposta-se em práticas educativas onde as imagens – fotografias sobretudo – fujam desta figuração habitual, provocando desfigurações que possam derivar os pensamentos e criar novas figuras para esta relação espacial, levando-a a re-existir outra, assim como colocam em circulação na escola fotografias que não são (apenas) provas documentais da escrita que dicotomiza a cidade e o campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CASTILLO, Ricardo. **A imagem de satélite: do técnico ao político na construção do conhecimento geográfico**. Pro=posições, Campinas, v.20, n.3 (60), p.61-70, set.dez. 2009

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

HOLLMAN, Verónica. LOIS, Carla. **Geo-grafías: Imágenes e instrucción visual en la geografía escolar**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2015.

NUNES, Flaviana Gasparotti.. OLIVEIRA Jr. Wenceslao Machado de. VALLADARES, Marisa. **Paisagens inundadas: experimentações escolares e(m) imagens**. Revista Brasileira de Educação Geográfica, Campinas, v. 3, n. 6, p. 02-10, jul./dez., 2013. OLIVEIRA, João Paulo Teixeira. A eficiência e/ou ineficiência do livro didático no processo de ensino-aprendizagem, 2014. Disponível em: http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT4/GT4_Comunicacao/JoaoPauloTeixeiradeOliveira_GT4_integral.pdf

Acesso em 22/02/106

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

OLIVEIRA Jr. **Mapas em Deriva: imaginação e cartografia escolar**. Revista Geografares, nº12, p.01-49, Julho, 2012.

ORLANDI, Luis. B. L. **Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...** In: *Deleuze – entre caos e pensamento*. Petrópolis – RJ : De Petrus; Brasília, DF: CNPq, 2011